

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

Educomunicação e Interculturalismo:

Conflitos e Negociações em Escola de Santa Maria/RS e Arari/MA¹

SILVA, Manuela Ilha²
ROSA, Rosane³

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A escola, como espaço de socialização e construção de conhecimentos e valores, torna-se um espaço potencial à reflexão e vivencia intercultural. Este artigo analisa a apropriação e construção de representações de si mesmo e do outro feitas por adolescentes das cidades de Santa Maria/RS e Arari/MA, a partir do filme Escritores da Liberdade. Para tanto, utiliza-se a pesquisa bibliográfica sobre multiculturalismo e educomunicação e grupos focais com 24 estudantes entre 14 e 16 anos. A partir de categorias como discriminação; violência; vergonha, o ambiente escolar aparece como palco de diferentes conflitos motivados por questões de gênero, de classe, de cor, etnia e estética entre outras. O estudo evidencia que as relações e identidades juvenis em diferentes contextos culturais são constituídas em meio a relações de conflitos, contradições, antagonismos.

Palavras-chave

Educomunicação; Interculturalismo; Santa Maria/RS; Arari/MA.

Introdução

Pensar o Interculturalismo na escola é questão fundamental na sociedade contemporânea. A mídia insere-se nesse processo pelo seu papel central na construção de representações e referenciais culturais, pois leva a questionamentos acerca das origens das diferenças e das relações de poder que geram exclusões.

As situações que hoje se mostram como hegemônicas resultam de construções culturais legitimadas socialmente. Identificar as influências dos contextos culturais na construção e apropriação de representações de “eu”, “outro” e do “mundo” é o principal

¹ Trabalho apresentado no GT 1 Comunicações Científicas: Educomunicação, Cidadania e Direitos Humanos do II Encontro de Educomunicação da Região Sul. Ijuí/RS, 27 e 28 de junho de 2013.

² Jornalista (Mtb/RS 15711). Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, ambos na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: misilha@hotmail.com

³ Doutora em Informação e Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Mídia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: rosane.rosa@terra.com.br



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

objetivo do presente trabalho. Para tanto realidades distintas foram escolhidas através de dois municípios brasileiros. Santa Maria foi escolhida por ser a cidade de origem da pesquisadora e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Já Arari, no estado do Maranhão, surgiu como opção ao presente trabalho após a aprovação da pesquisadora para integrar a equipe da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na Operação Catirina do Projeto Rondon.

Opções e Construções Metodológicas

Analisar a influência do contexto cultural na apropriação e construção de representações de si mesmo, do outro e do mundo, feitas pelos jovens através de práticas educomunicativas é o objetivo do presente trabalho. As relações entre os campos da Educação e Comunicação e as bases teóricas da Educomunicação auxiliam na compreensão das representações que os jovens de diferentes realidades sócio-culturais fazem de si mesmo, através das formas de apropriação do filme “Escritores da Liberdade” e das possíveis influências do contexto sócio-cultural na construção de seus significados.

A diversidade cultural é o tema principal do filme “Escritores da Liberdade” (*Freedom Writers*, EUA, 2007) e perpassa todo o enredo e histórias de vida retratadas pela obra. Dirigido por Richard LaGravenese, o filme aborda os conflitos existentes entre alunos e professores, na convivência diária em uma escola californiana. A história é real e baseia-se na experiência docente de Erin Gruwell, professora novata em uma escola onde a violência e a intolerância são recorrentes. As diferenças culturais que convivem no espaço escolar o transformam em ambiente de difícil aprendizado e hostil para métodos pedagógicos diferenciados.

Tal situação remete o pensamento de Freire (2005) e Kaplún (1997), que apontam o método “bancário” como sistema de ensino onde os alunos “fingem” aprender em uma escola que “finge” ensinar. A hierarquia e formalidade na prática pedagógica e no processo avaliativo são traços capazes de mostrar a rigidez e a coação presentes na escola. Os alunos passam a ver como importante apenas o momento da avaliação, desinteressando-se pelo processo de aprendizagem. Semprini (1999, p. 46-50) lembra que são frágeis as relações onde a diversidade cultural se faz presente, e a



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

violência, seja física ou simbólica, é sombra que persiste em se fazer presente em espaços como a escola.

As dificuldades iniciais de relacionamento mostradas no filme, frutos de uma aproximação mal sucedida e de pré-conceitos, mantiveram os sujeitos distantes em sala de aula, seja na relação aluno-professor, seja entre aluno-aluno. O clima foi marcado por hostilidades e as diferenças foram preponderantes para a formação de grupos e delimitação do “nós” e do “eles”. Para Silva (2009, p. 82), “os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder”.

A opção metodológica é não fragmentada, que parte de uma análise geral, com debate amplo, para chegar a uma síntese. A primeira delas é a *sensibilização*, com apresentação do propósito do trabalho e foco da observação; a segunda é a *exibição do filme*; a terceira é a mais longa, por ser o espaço para *provocação e escuta*, com debate amplo e que leva ao aprofundamento da temática; a quarta fecha a discussão com a *síntese* de palavras-chave construindo uma rede associativa entre as idéias surgidas. Na quinta e última fase cada participante foi convidado a produzir um retrato com representações de si mesmo, do outro e do mundo onde está inserido.

Esta é uma construção metodológica própria, fruto da prática no grupo “Educação Com&Para a Mídia – uma Prática de Sustentabilidade Social e Política” e das reflexões do Grupo de Estudos “Comunicação, Educação e Cidadania”. Para dar conta de resultados significativos, buscou-se uma metodologia que pudesse capturar os significativos detalhes da prática educomunicacional. Desde modo, a opção foi pelo grupo focal, como método prático do processo à narratologia para a construção da análise.

O roteiro semi-estruturado permitiu uma atuação mais livre ao moderador, com possibilidade de flexibilizações e complementações. Assim, as ideias foram organizadas de acordo com os principais conceitos problematizados no filme: discriminação; violência; tribos; tolerância; culpa/medo/vergonha.

Além das falas no grupo focal, os participantes expressaram suas opiniões e representações de mesmidade e alteridade através da elaboração de um retrato do “nós” e do “eles”. A análise de tal material considerou as expressões utilizadas pelos



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

participantes, organizando categorias para quantificar e qualificar as ideias apresentadas, identificando semelhanças e singularidades. Além das palavras-chave esquematizadas a partir das falas, a análise prévia do filme “Escritores da Liberdade” trouxe elementos para a discussão e posterior sistematização dos dados.

Para a análise das falas, utilizou-se como ferramenta a narratologia, que possibilitou uma análise pragmática e dialógica. Para Motta (2007, p. 144), “A narratologia procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da compreensão e expressão narrativa da realidade.

A ação proposta inclui a execução de dois grupos focais, com 12 participantes em cada um deles. Assim, a amostra é composta por 24 alunos dos sexos feminino e masculino, com idades entre 14 e 16 anos. O primeiro deles foi realizado na periferia de Santa Maria/RS, na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi. O outro aconteceu em Arari/MA, com alunos de três escolas estaduais e/ou municipalizadas localizadas no perímetro urbano.

Em Arari, a atividade foi desenvolvida no dia 23 de julho de 2010, integrando a programação do Projeto Rondon no município. Visto que as instituições municipais e estaduais compartilham o mesmo calendário, todas as escolas estavam em férias na data supracitada. Por isso, os alunos que compõe a amostra são de diferentes instituições de ensino. O total de doze participantes contempla cinco estudantes do Colégio Arariense, quatro do Centro de Ensino Cidade de Arari e três que freqüentam aulas no Centro de Ensino Arimatéia Cisne. Todos eles estão finalizando o Ensino Fundamental, cursando 7º, 8º ou 9º ano, caracterizando distorções série-idade no município.

A atividade em Santa Maria foi desenvolvida em 19 de junho de 2010, fazendo parte da programação do programa “Escola Aberta para a Cidadania”, política pública estadual que promove a abertura das escolas aos finais de semana, integrando a comunidade e proporcionando atividades profissionalizantes, culturais e esportivas para alunos e familiares de doze jovens entre 14 e 16 anos, estudantes da Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

Diferentes Realidades em Análise

As atividades aconteceram em contextos distintos e fomentam diferentes construções sobre individualidade e alteridade. A relação estabelecida através da exibição do filme, prática educomunicacional pensada a fim de promover o diálogo, foi fundamental à participação dos jovens. As falas discutidas e analisadas a seguir estão organizadas de acordo com uma sequência lógica que parte de provocações amplas para apontamentos específicos, de acordo com interrelações temáticas – discriminação, violência, tribos, tolerância e culpas/medos/vergonhas.

Discriminação

Situações de discriminação são significativas no enredo do filme “Escritores da Liberdade”, com destaque para os estranhamentos originados em diferenças étnicas e comportamentais. Estas situações, muitas vezes, fomentam o surgimento de situações de intolerância e desrespeito com o próximo. Na realidade dos jovens das duas cidades, tal situação foi apontada como recorrente e causadora de problemas dentro do ambiente escolar. As diferenças entre as realidades apareceram quando as razões da discriminação foram levantadas – enquanto em Santa Maria a ênfase é dada aos modos de vestir e falar, em Arari as motivações relacionam-se, especialmente, com questões sociais.

O guri não pode fazer nada que já é gay, não pode fazer nada que já vão falando.
(P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Acho que o professor julgar todos os alunos como se eles fossem iguais é discriminação, na minha opinião. Porque ninguém é igual na turma. [...] Eles julgam todos os alunos como se fizessem aquela coisa errada, só que em uma prova, quando alguém tira uma nota maior, ninguém fala. [...] Eu acho que isso é desrespeito, é discriminação com os alunos, relacionar todos em uma coisa só que nem todos são. (P5 Santa Maria, menina, 14 anos).

A discriminação também é cotidiana no ambiente escolar santa-mariense, conforme os relatos dos participantes. A situação vigente em Santa Maria, todavia, massifica e hegemoniza a diversidade cultural do ambiente escolar, especialmente quando se discute o vestir e o falar. Os principais elementos diferenciadores são as formas de fala e as vestimentas, apontadas recorrentemente pelos participantes. Também questões comportamentais, ligadas à sexualidade, são pontos de discussão e carregam estigmas de preconceito.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

A situação santa-mariense mostra-se ligada diretamente a questões culturais e referências identitárias – diferentes elementos são pontos de intersecção entre os jovens e suas construções. Há uma multiplicação de referentes, questão contemporânea da discussão identitária. Tal ponto faz sentido neste contexto, visto que existem sujeitos que se identificam como são e outro que são o fruto de integrações de múltiplas dimensões das quais são formados (Martín-Barbero, 2006, p. 60).

Por causa da cor, do jeito de ser [...] jogam na cara (P5 Arari, menina, 15 anos).

Pela classe social, aqui existe (P8 Arari, menina, 14 anos).

No meu colégio, por exemplo [...] tem gente que tem classe social mais alta, que acabam excluindo pessoas que não são assim. Eles ficam dizendo ‘tu é pobre, não pode comprar isso ou fazer aquilo’. (P8 Arari, menina, 14 anos).

A discriminação em Arari é discursiva e direta, como aponta a participante P5, ao afirmar que os preconceitos são “jogados na cara”. As diferenças são ligadas diretamente aos conflitos entre diferentes classes sociais, entre distintas origens étnicas e pelo “jeito de ser”. O comportamento é determinante para haver ou não a discriminação. Em Arari, para além da discriminação, há uma situação que é recorrente para aqueles que estão fora do padrão vigente – há a exclusão, que humilha e machuca.

O poder aquisitivo mostra-se como elemento diferenciador – incluindo ou excluindo o sujeito, colocando o junto ao “nós” ou segregando-o e definindo-o como “eles”. A diferença nos padrões de consumo estimula a discriminação em Arari, e sua expressão é facilmente perceptível. Há agressões verbais, e a classe social é capaz de deslegitimar uma pessoa dentro do grupo social.

Violência

A consequência direta da discriminação, apontada pelo filme e evidenciada nas falas dos participantes, é a violência, em suas várias facetas. O desrespeito ao outro gera inimizades e é capaz de criar situações delicadas dentro do espaço escolar. Ambos os grupos têm consciência dos desdobramentos possíveis da intolerância e da discriminação – a violência foi apontada como desfecho comum em situações de desrespeito.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

É o bullying, essas “chacotas” e coisas que tu não deveria ter e tem ou tem e não deveria, que deveria ser maior ou menor. O tamanho dele [M3], por exemplo, até o professor fala que ele é o mascote da turma. Eu acho que acontece porque todo mundo pensa que sabe o que é melhor para todo mundo. Aquela pessoa não tem aquilo, e se tu quer “se achar” melhor que ela, tu coloca um apelido, por exemplo. Se é pequeno, chama de nanico. É normal isso. Alguns são amigáveis, mas muitos levam à sério isso. (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Os apelidos magoam porque ressaltam um ponto em ti que tu não gosta, um defeito. Se tu não gosta de uma pessoa, vai lá e fala dos defeitos dela e começa a espalhar, esse tipo de coisa. (P9 Santa Maria, menina, 16 anos).

Também se define violência por mágoa, a pessoa vai guardando os apelidos e faltas de respeito e guarda uma mágoa e isso gera tanta violência (P5 Santa Maria, menina, 15 anos).

Para mim, isso é falta de respeito. A pessoa que não é respeitada pode não demonstrar para os outros, mas aquilo vai aumentando, vai aumentando, depois se gera violência e ninguém sabe por que isso. Os apelidos, a violência verbal, isso pode ser até mais do que levar um soco, atinge mais. Se uma pessoa nos falta com respeito e depois sofre violência, parece não saber por quê. Mas é um monte de coisa que vai se juntando e depois aquilo explode (P9 Santa Maria, menina, 16 anos).

A forma como cada aluno entende a violência é constituída por diferentes mediações – a cultura escolar, as relações familiares, o contexto social que os jovens compartilham, as amizades e a mídia despontam como significativos. Todos eles são espaços de socialização, e as experiências pessoais vivenciadas nestes espaços constroem suas representações e valores. Em Santa Maria, a violência é mais expressiva nos apelidos e nas classificações que incluem ou excluem os sujeitos dos grupos sociais. As agressões são carregadas de elementos simbólicos que agride e violentam a identidade e as representações dos adolescentes.

A violência pode ser lingüística, verbal, ou “literalmente”. Aí, a pessoa faz sem saber das consequências (P5 Arari, menina, 14 anos).

Assim machuca, às vezes até machuca mais [do que a física] (P9 Arari, menina, 14 anos).

É igual ou até pior, comparando com o filme (P8 Arari, menina, 14 anos).

Isso aqui ó [menino mostra marcas e cicatrizes em seu pescoço] é sinal de violência na escola. Eles esquentavam o ferro da cadeira e passavam aqui, por violência, por molecagem. Tudo foi por molecagem (P3 Arari, menino, 14 anos).

Acontece por vingança mesmo, por ofender ou machucar alguém. É fazer qualquer coisa que humilhe (P10 Arari, menina, 15 anos).



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

A violência é vista como recorrente e negativa pelos participantes ararienses, contudo, há traços de discursos prontos e estereotipados nas falas dos jovens. A participante P5 define a violência com palavras vazias, sem significação conjunta e com vocabulário distante de sua realidade social. Contudo, ela consegue distinguir em sua fala duas formas usuais de violência – a física e a moral.

Grupos de Pertencimento

A reunião dos jovens juntamente com seus pares cria grupos, que compartilham referências e valores simbólicos. A existência de tais agrupamentos foi confirmada pelos participantes em ambos os grupos focais, contudo, as razões que aproximam os jovens são distintas. Neste contexto, há situações de intolerância e preconceito que retomam Bobbio (2004, p. 207) e as formas de se considerar a diversidade, já citado no presente trabalho. Enquanto em Santa Maria/RS os grupos compartilham valores referenciados e ratificados pela mídia, como música e estilos de vestir, em Arari, as aproximações são caracterizadas por outras finalidades – namorar, conversar, estudar.

Sim, há as “piris”, piriguetes (P1 Santa Maria, menino, 16 anos).

Os populares do colégio. Os guris que são populares se juntam (P9 Santa Maria, menina, 16 anos).

Na sala é mais difícil de definir, mas no colégio, o terceiro se junta com o segundo, com o primeiro, com a oitava, e mais por causa do jeito de se vestir. (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

No colégio não dá para escolher, mas no recreio, tu pode andar com quem é mais parecido contigo. Eu ando com as gurias que gostam das mesmas coisas que eu, que tem a mesma forma de pensar. (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

A minha turma tem vários grupinhos diferentes. Tem mais ou menos 30 pessoas na turma e eu sou a mais quieta, não converso, se der um pio na sala de aula é muito. Eu não faço parte de nenhum grupinho, tanto no recreio como na sala de aula. No recreio eu fico sozinha. Conheço bastante gente, conheço alguns grupos, mas não sei chegar nem puxar conversa como se fossem velhos amigos. Então fico sozinha tanto o recreio quanto na sala.

[...] Eu sou repente, acho que era por isso. Dos cinco repetentes, eu era a única que não conhecia muito os outros. (P9 Santa Maria, menina, 16 anos).

Minha turma é boa, todo mundo conversa e não tem aquele grupo mesmo. Claro, tem aquelas coisas separadas, como o pessoal da frente que não se mistura com o pessoal de trás, mas todo mundo se dá bem ali dentro. Agora, nenhum deles é parceiro para alguma coisa, por exemplo, vamos fazer a camiseta da turma e ninguém se habilita. Ninguém chega a uma conclusão, e se chega, ninguém dá um passo à frente, ninguém vai procurar. Ninguém é unido. Quem se interessa, fala entre eles [os grupos], não fala para todo mundo. Ano passado nossa turma



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

era toda unida, todo mundo se ajudava, estava tudo bem. Aí, esse ano mudou tudo! Quase ninguém se conhece. (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Eu não sei, mas neste colégio as coisas são divididas muito por grupo. Ah, não sei o que lá só por que elas se vestem, não sei o que lá porque elas são assim. Eu não gosto disso nesse colégio, porque tem muito de julgar antes de conhecer. E até me perguntam se pode ser diferente, alguém diz “ah, tu não gosta de mim” e eu respondo “mas nunca falei contigo, como posso saber”.[...]. Os outros querem falar o que tu é, saber da tua vida.[...] Falam que quem anda com a gente é “emo”, mesmo sem se vestir ou ter algo, é só por andar com a gente. (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Como a P6 falou, muita gente aqui na escola julga a gente sem conhecer, e a pessoa às vezes pode ser muito legal e passa a impressão de ser muito chata. Digamos que eu seja amiga dela e ela me fala: “a Fulana é muito chata”, e mesmo ela sendo muito legal, a pessoa começa a pegar um nojo, um desprezo dela. [...] Não procurar conhecer, não conversar com a pessoa (P11 Santa Maria, menina, 14 anos).

É um ‘big brother’ porque de repente tem uma pessoa que tu nem conhece e acaba conversando e fica amigo, colega da sala de aula. Eu acho bom. (P1 Santa Maria, menino, 16 anos).

Mesmo sem os grupos, a relação é pacífica por não haver aproximações. “Ninguém chega a uma conclusão, e se chega, ninguém dá um passo a frente. Ninguém é unido”, aponta ela, ainda comentando que aqueles que demonstram certo interesse nos assuntos da turma, apenas dirigem-se para seus pares próximos. Não há um comprometimento nos jovens como turma, visto que eles não conseguem lidar com as diferenças – apenas as ignoram. O diferente não faz parte do cotidiano, constituindo um “eles” distante e estranho.

Existe grupo, mas só para conversar. Cada um tem seu grupinho (P12 Arari, menina, 15 anos).

O que a gente observa é que existe um grupo de meninhas que está entrando na fase de namoro e que querem ir uma mais bonitinha do que a outra, pra chamar a atenção dos meninos. Tem aquelas que não ligam muito para isso e que vão para a escola para estudar mesmo (P12 Arari, menina, 15 anos).

Tem aquelas com cachorrinho cor de rosa, mais ‘empiriquitadinha’, naquela fase de ‘bom pra cá, bom pra lá’. Tem umas que não despertaram ainda. Aqui em Arari, na cara a gente percebe isso (P10 Arari, menina, 15 anos).

Aqui [em Arari] é sempre assim, um quer ser mais que o outro (P8 Arari, menina, 14 anos).

Na minha escola o que mais tem é gente botando defeito nos outros (P10 Arari, menina, 15 anos).



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

Para os jovens ararienses, a escola é o principal espaço de sociabilidade, capaz de promover a construção de relações e a apropriação de valores. Os grupos existem, mas são formados por afinidades distintas de caracteres de identificação, como vestuário, gostos musicais ou compartilhamento de ideias. As aproximações, segundo P12, “só para conversar”. Contudo, também há falas que apontam segregações oriundas de diferenças sociais. O principal ponto destacado pelos participantes, especialmente as meninas, é o interesse pelos meninos e a possibilidade de encontrar um namorado na escola.

Tolerância

A relação com a alteridade ainda é cercada por julgamentos precipitados e pré-conceitos que tolhem, muitas vezes, as relações entre alunos e com os professores. Houve diferenças entre as duas realidades, já que em Santa Maria/RS, o principal apontamento foi dado para a convivência com os docentes, enquanto em Arari/MA, a relação com os colegas é mais complicada. Ambas as situações são delicadas, e apontam para características próprias de cada contexto.

Acho que tem muito aluno que não respeita professor. Acho que tem que começar do aluno, porque o professor está ali para ser respeitado. Muitos alunos ultrapassam os limites com o professor, acham que estão falando com os pais ou falando com um amigo (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Tem muitos alunos que não querem “baixar a bola” para o professor, não querem perder a autoridade na frente dos amigos e se colocam em um lugar de que não ficam quietos com nenhum professor. É uma falta de respeito porque o professor estando ali, o ambiente é propício a obedecer ao professor. Tem que obedecer às normas da escola, e uma delas é obedecer quem está na sala. Acho que o aluno que faltar com a autoridade do professor é uma falta de respeito (P5 Santa Maria, menina, 14 anos).

Eu acho que respeito com os professores vem deles também. Mas respeito é saber respeitar a outra pessoa, se tu está todo o dia com o professor, por exemplo, tu sabe quando ele está mal. É saber respeitar isso. [...] Tem que respeitar todo mundo dentro da sala de aula, mas o professor tem que respeitar a gente também. Se a gente vai mal na prova, eles ficam bravos, xingam a gente, e falam: “o que eu fiz, eu trabalhei quanto tempo para vocês não aprenderem”. E a gente diz que não aprendeu, mas só porque ele ensinou a gente não precisa ter tudo na cabeça. Eu acho errado isso (P1 Santa Maria, menino, 16 anos).

Aí começam a falar dos alunos que foram bem na prova, irrita ainda mais aqueles que foram mal. No caso, eu não gosto de quando eles só avaliam com prova, prova, prova. Tudo bem que é importante, mas eu queria que não fosse tão importante assim. Muitos nem dão bola para o que a gente faz em aula, poderiam



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

saber e avaliar. Alguns avaliam isso, mas a maioria não, olham só “por cima” (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Outra coisa também é julgar a pessoa pelo seu comportamento, por andar com que está bagunçando ou faltando com o respeito. Por exemplo, teve palestra esta semana aqui e tinha gente que estava desrespeitando o cara. Ele veio com autoridade e mandou sair todo mundo (P5 Santa Maria, menina, 14 anos).

Falou que ia chamar a polícia. Chamou a gente de vagabundo, marginal, que nós éramos burros e que ele ia nos levar para a delegacia. Disse que ia na polícia (P1 Santa Maria, menino, 16 anos).

Os participantes santa-marienses apontaram traços que permitem constatar a relação íntima que têm com a autoridade – há um misto de temor e admiração perante a liderança exercida pelo corpo docente. O conflito, muitas vezes, é inevitável, visto que há alunos que, ignorando a via do diálogo, tentam igualar-se com os professores na autoridade. A autoridade institucionalizada do professor é, ainda, fonte de temores e inseguranças para alunos, especialmente quando a “cultura do silêncio” é imperativa.

Críticas surgem também para ações intolerantes praticadas pelos docentes – algumas destas observações remetem diretamente as falas anteriormente discutidas sobre discriminação. O abuso da posição superior do docente é a principal reclamação, e tal atitude pode ser referenciada em comportamentos de desrespeito à diversidade e ao tempo de aprendizagem de cada aluno.

Varia, a gente está com um amigo, por exemplo, e aí chega outro que é mais amigo da gente, aí a gente dá mais atenção pra ele. Assim começa, a chegar mais perto ou a criar inimigos (P3 Arari, menino, 14 anos).

A novata gerou muita briga. Demorou um pouquinho, mas todo mundo percebeu que o pessoal prestava mais atenção nela, o que levou a uma briga enorme e fizemos as pazes de qualquer jeito (P5 Arari, menina, 14 anos).

Na minha sala, todos compartilham seus problemas uns com os outros, chega um novato e a gente conversa para que ele não se sinta solitário ou sozinho. Todo mundo ajuda. (P1 Arari, menina, 14 anos).

Às vezes conseguimos conviver com as diferenças. Quando não, dá briga, e eu não sei o porquê, já que todo mundo deveria ser amigo, compartilhar com as pessoas (P4 Arari, menino, 15 anos).

A proximidade e o reconhecimento do outro são pontos apontados pelos ararienses como fundamentais para a aproximação ou rejeição de alguém. Há um binarismo significativo entre os conceitos de “amigo” e “inimigo”, “longe” e “perto”, “igual” e “diferente”. Há dificuldades na comunhão e na aproximação com novos



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

sujeitos, e as diferenças são toleradas de forma já reportada por Bobbio (2004) no presente trabalho – há preconceitos já arraigados socialmente que influenciam diretamente nos comportamentos. As relações sociais ganham observações quantitativas para serem ou não viáveis.

Culpas/Medos/Vergonha

Nesta discussão, os posicionamentos dos alunos ararienses e santa-marienses mostraram-se semelhantes, o que permite inferir que a cultura escolar prepondera na formação de referenciais dentro da sala de aula. A reprovação e os processos avaliativos surgem como razões principais para os temores compartilhados pelos alunos de Arari/MA e Santa Maria/RS.

Eu tenho medo das provas, dos exames. Às vezes o professor anula uma questão porque não deu tempo de passar (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Mas na questão do colégio é obrigação nossa. Se a gente tem esse medo, é porque a gente cometeu esse medo (P3 Santa Maria, menino, 14 anos).

O medo é algo que a gente convive todos os dias, e é complicado que a pessoa não tenha medo. Pode ser de uma prova, de zerar ou de qualquer outro problema (P5 Santa Maria, menina, 14 anos).

Mais de uma prova, do boletim (P9 Santa Maria, menina, 16 anos).

Tenho medo de falar o que não devo. Muitas vezes a pessoa fica quieta para não falar aquilo que pode não ser certo (P2 Santa Maria, menino, 16 anos).

Isso porque dá medo dos outros falarem que tu é burro (P6 Santa Maria, menina, 15 anos).

Isso é bem frequente em sala de aula, quando tu vai apresentar alguma coisa e tem que ficar quieto, mesmo sabendo que aquilo está certo (P3 Santa Maria, menino, 14 anos).

E se tu falar uma palavra errada, todo mundo vai zoar (P9 Santa Maria, menina, 16 anos).

O temor apontado pelos alunos santa-marienses remete diretamente aos processos avaliativos. A avaliação do “outro” ganha proporções aterrorizantes para alguns, que inclusive afirmar deixar de participar das aulas pelo medo de errar. Esta desconfortável situação que surge no contexto escolar é resultado direto da “cultura do silêncio” (Freire, 2005). O diálogo não é estimulado, e o erro, que deveria ter espaço dentro da escola e ser visto como ponto de partida para novas discussões e apropriações,



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

acaba por ser estigmatizado e punido. O temor é pela representação que o “outro” é capaz de fazer do sujeito, caso ele venha a errar.

O medo coletivo que os participantes compartilham pode remeter a uma gestão escolar voltada para a produção de resultados, com administração semelhante à padrões de qualidade aplicados em empresas privadas. Calcada em resultados, a gestão exige do aluno um bom desempenho, fechando caminhos e impossibilitando os erros, que ganham caráter pejorativo e comprometedor.

Tenho medo de errar (P10 Arari, menina, 15 anos).

Tá, mas imagina chegar num lugar onde não se conhece ninguém e tem que tentar fazer amizade, e se eles não querem, eles vão ficar te zoando, você vai sentir vergonha (P10 Arari, menina, 15 anos).

Tenho vergonha dos meus pais (P11 Arari, menina, 15 anos).

Assim, se tem um trabalho no colégio e está todo mundo lá, e você está apresentando [...] e na hora você erra uma palavra. Todo mundo começa a rir, isso dá uma vergonha, né? Dá medo de ir novamente para o quadro apresentar outro trabalho (P8 Arari, menina, 15 anos).

Também se passa vergonha quando se é humilhado. Falar errado, por exemplo. (P2 Arari, menino, 15 anos).

Os temores apontados pelos participantes ararienses são compartilhados, em grande maioria, com os jovens santa-marienses. Há uma intersecção entre o medo e vergonha, já que grande parte das situações citadas pelos alunos como fomentadoras do medo relacionam-se diretamente com o sentir vergonha. Há opressão e restrições no espaço dialógico, visto que os próprios jovens se desautorizam a expressar-se por temer a rejeição e a avaliação do outro. A diferenciação e possível exclusão que um erro pode provocar são argumentos suficientes para promover o silêncio.

Há conceituações para “eu” e “outro” que mostram diferentes graduações para a relação com a alteridade – o sentimento pode ser de reconhecimento simplificado do outro, compreensão e envolvimento com a existência do outro, relações que “suportam” a diversidade ou um certo grau de intolerância às diferenças.

Considerações Finais

Apesar de uma aparente harmonia, percebeu-se o ambiente escolar como espaço de diferentes conflitos que possuem como elementos centrais a questão da identidade e



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

da diferença. A elaboração das identidades perpassa tal relação, e na escola, espaço de socialização e construção de conhecimentos e valores, torna-se necessária sua reflexão. Para tanto, a prática educomunicacional, apresenta-se como uma estratégia relevante para a problematização dessa questão e à promoção de novos comportamentos ligados às identidades culturais.

Ao atuar dentro do espaço escolar, a Educomunicação pode desencadear um processo de autonomia no pensar e no agir dos sujeitos. Essa prática, que é fruto de uma ação política e social, coaduna com os pensamentos de Freire (2005) e Kaplún (1985), permite uma aproximação entre os diferentes, com troca de saberes e experiências. O respeito à diversidade, ponto de destaque nos autores estudados, aponta para o processo formativo das identidades culturais, visto que o objetivo da pesquisa exige o alicerce de tal campo para identificar semelhanças ou discrepâncias entre as duas realidades em questão. Deste modo, as relações entre “eu” e o “outro” são fundamentais para identificar a questão multicultural no espaço escolar.

A partir dos conceitos levantados pelo presente trabalho, é possível observar como o Multiculturalismo exige um caminho persistente, tolerante e paciente de compressão de si e do outro, o que leva a uma nova compreensão do mundo. O Multiculturalismo no ambiente escolar público coloca um desafio para a convivência tolerante, respeitosa, participante e produtiva em sala de aula – a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções, valores, identidades, tabus, grupos, sonhos e temores. A identidade individual e a coletiva sofrem influências diretas da ação de cada ser, visto que suas dificuldades em sair de seu próprio lugar e de suas pertenças dificultam a aceitação da complexidade do “outro” e dos diferentes grupos.

Os contextos culturais influenciaram diretamente nas provocações feitas nos grupos focais. As falas dos jovens foram motrizes para tal diagnóstico, visto que, nas proposições feitas quando os temas centrais giravam em torno da tolerância e dos preconceitos, assim como de parte das falas de culpa/medo/vergonha, exemplos e histórias locais ganharam espaço e peso nas suas interpretações. Nas discussões que apontavam para os temas como os grupos de pertencimento, o contexto local abre espaço para representações que são frutos de construções midiáticas ou transcendem os localismos, outras são relacionadas diretamente com a cultura manifesta na escola.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

A convivência no ambiente multicultural escolar desafia a Educação e a Comunicação a buscar linguagens e estratégias para enfrentar essa pluralidade de identidades em permanente re/construção. Silva (2009, p. 96-99) sugere como estratégia a afirmação da identidade política, sendo ela estratégia tanto pedagógica como comunicacional. Para o autor, através desta ação política, há possibilidade de estimular a diversidade a ser promotora de mudança social. Engendrada nos processos de produção social, a identidade com caráter político é capaz de fomentar reflexão acerca da formação dos elementos de identificação e diferenciação e desvendar as relações de poder envolvidas.

Bibliografia

- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- COSTA, Maria Eugênia Belczak. **Grupo Focal**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo/SP: Atlas, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido – 45ª Edição**. Rio de Janeiro/RJ: Terra e Paz, 2005.
- GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa Qualitativa com texto, som e imagem**. Tradução de Pedrinho A. Guarenschi. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa – Desafios Metodológicos. In: **Revista Paidéia Cadernos de Psicologia e Educação**. Ribeirão Preto/SP, volume 12, número 24, p.149-162, 2002.
- KAPLÚN, Mario. De Medio y Fines em Comunicación. In: **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**. S/a, nº 58, 1997. Quito/Ecuador: Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL), 1997.
- _____, Mario. **El Comunicador Popular**. Ciespal: Quito, 1985.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, Identidades, Alteridades: Mudanças e Opacidades da Comunicação no Novo Século**. In: MORAES, Dênis de. Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro/RJ: Mauad, 2006.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RIBEIRO, Sônia Tereza da Silva. **O rap e a Aula: Tocando nas Diferenças...In:** Revista da ABEM, v.19, s/n, 2008.
- SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- SILVA, T. T. **A Produção Social da Identidade e da Diferença**. In: SILVA, T. T. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- THORNTON, Ricardo. **Grupos de Discussão. Grupos Focais. Metodologia. Tradução de Luciane D'Ávila de Moura e Leonardo Meira do Nascimento**. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2005.